



## Washington ficou isolado na questão venezuelana

EUA apoiaram setor golpista da oposição da Venezuela, cuja violência já causou a morte de 29 pessoas

Par [Salim Lamrani](#)

Mondialisation.ca, 22 mars 2014

[Opera Mundi](#)

Desde o começo de fevereiro de 2014, os setores da extrema direita multiplicaram os atos criminosos na Venezuela com o objetivo de quebrar a ordem constitucional e derrubar o presidente democraticamente eleito Nicolás Maduro. A violência causou a morte de pelo menos 29 pessoas, entre elas vários membros das forças da ordem. Três líderes da oposição elaboraram o plano de ação em janeiro de 2014: Leopoldo López, presidente do partido de extrema direita Vontade Popular; María Corina Machado, deputada da Assembleia Nacional, e Antonio Ledezma, prefeito de Caracas. Os três convocaram publicamente um golpe de força contra o governo legítimo da República Bolivariana da Venezuela. <sup>1</sup>

Efe



O secretário de Estado norte-americano, John Kerry, chegou a [ameaçar o governo da Venezuela com sanções](#)

Os Estados Unidos se opuseram desde o início a Hugo Chávez a à Revolução Bolivariana, apesar de seu caráter democrático e pacífico. Desde 1999, Washington dá seu apoio político, diplomático, financeiro e midiático à oposição venezuelana. Em 2002, George W. Bush tinha orquestrado um golpe de Estado contra o presidente Chávez com a cumplicidade da oligarquia venezuelana, de uma parte do Exército e dos meios de comunicação privados do país. Hoje, a administração Obama ampara abertamente as tentativas de desestabilização da democracia venezuelana apoiando as atividades da extrema direita.

O Departamento de Estado defendeu as manifestações violentas em nome da “liberdade de expressão”. Exigiu que as autoridades venezuelanas libertassem os responsáveis por esses atos, “detidos injustamente”, apesar de vários terem sido presos com armas nas mãos. [John Kerry, secretário de Estado, inclusive ameaçou a Venezuela com sanções.](#) <sup>2</sup>

Entretanto, Washington está isolado no continente americano. A imensa maioria dos países da região condenaram a violência orquestrada pela oposição e deram seu apoio ao governo legítimo de Maduro. No dia 7 de março de 2014, a [OEA \(Organização dos Estados Americanos\)](#), tradicionalmente conservadora e alinhada a Washington, que agrupa todas as nações do continente exceto Cuba, infringiu uma derrota à administração Obama. Uma resolução, que todos os países adotaram com exceção dos EUA, do Canadá e do Panamá, expressou a “solidariedade” e o [“apoio” da OEA às instituições democráticas](#), ao diálogo e a à paz na República Bolivariana da Venezuela”.

Em uma alusão à posição de Washington, a OEA falou do “respeito ao princípio de não intervenção nos assuntos internos dos Estados” e expressou “seu compromisso com a defesa da institucionalidade democrática e do Estado de Direito”. Também condenou a atitude da oposição expressando sua “mais enérgica desaprovação a toda forma de violência e intolerância”. Finalmente, a OEA declarou “seu pleno apoio a alento às iniciativas e aos esforços do governo democraticamente eleito da Venezuela e de todos os setores políticos, econômicos e sociais para que continuem avançando no processo de diálogo nacional”. <sup>3</sup>

Efe



Usando coquetéis molotov e outros artefatos, opositores protagonizaram cenas de violência pelas ruas de cidades venezuelanas

[Por sua vez, a Unasul \(União de Nações Sul-Americanas\)](#), que agrupa os 12 países da região, condenou “os recentes atos de violência”. “Qualquer demanda deve ser canalizada de forma pacífica, pela via democrática, e respeitando o Estado de Direito e suas instituições”, enfatizou. Também expressou sua “solidariedade” ao “povo e ao governo democraticamente eleito dessa nação” e decidiu “apoiar os esforços do governo da República Bolivariana da Venezuela para propiciar um diálogo” com todos os setores da sociedade. Em uma clara alusão aos EUA, a Unasul expressou sua “preocupação frente a

qualquer ameaça à independência e à soberania da República Bolivariana da Venezuela.”. <sup>4</sup>

Michelle Bachelet, presidenta do Chile, que recebeu em Santiago a reunião da Unasul, deu seu apoio total a Maduro e condenou as tentativas da oposição de quebrar a ordem constitucional. “Não aceitaremos jamais que ninguém, seja uma pessoa ou um país, incite por meio de mecanismos violentos a deposição de um presidente legitimamente eleito”, afirmou, em uma nova alusão aos EUA. Segundo ela, os conflitos devem ser resolvidos por meio de “uma via de diálogo e de paz”, condenando, assim, as manifestações violentas da oposição. <sup>5</sup>

Cristina Kirchner, presidenta da Argentina, declarou desaprovar as tentativas golpistas e ofereceu seu apoio à “democracia venezuelana”, lembrando que a legitimidade do atual governo vem de ter ganho 18 processos eleitorais dos 19 dos quais participou durante os últimos 15 anos. Pediu que a oposição não abandonasse a via democrática, enfatizando a possibilidade de organizar um referendo revogatório em 2016, de meio mandato, que permitiria convocar eleições presidenciais antecipadas em caso de triunfo. “A Venezuela é o único país do mundo que têm o referendo revogatório, ou, pelo menos, da região, onde há o direito revogatório do presidente”, ressaltou.

Da mesma maneira, não deixou de denunciar as tentativas de desestabilização orquestradas pelos EUA e advertiu contra “as intervenções externas e estrangeiras, motivo pelo qual seria lamentável permitir que ventos de fora derrubem um país irmão como a Venezuela”.<sup>6</sup> Cristina também denunciou a “tentativa de golpe suave que estão tentando dar contra a República Bolivariana da Venezuela”. <sup>7</sup>

Assim como aconteceu durante a presidência de Hugo Chávez, entre 1999 e 2013, os EUA não renunciaram em acabar com a Revolução Bolivariana democrática, pacífica e social. O país se opõe ao presidente Maduro e apoia à oposição golpista. Por sua vez, os meios de comunicação ocidentais, principal apoio dessa tentativa de desestabilização, tomaram partido a favor dos partidos que querem a ruptura da ordem constitucional e que são contra a democracia venezuelana.

Salim Lamrani

*Doutor em Estudos Ibéricos e Latino-americanos, Salim Lamrani é professor-titular da Universidade de la Reunión e jornalista, especialista nas relações entre Cuba e EUA. Seu último livro se chama [Cuba. Les médias face au défi de l'impartialité](#), Paris, Editions Estrella, 2013, com prólogo de Eduardo Galeano.*

Contato: [lamranisalim@yahoo.fr](mailto:lamranisalim@yahoo.fr)

Página no Facebook: <https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel>

1 Salim Lamrani, « 25 verdades sobre as manifestações na Venezuela », Opera Mundi, 23 de fevereiro de 2014.

2 EFE, « EEUU no responde a oferta de diálogo de Maduro e insiste en pedir mediación », 17 de março de 2014.

3 Organisation des Etats américains, « Consejo permanente aprobó declaración sobre la situación en Venezuela », 7 de março de

2014. [http://www.oas.org/es/centro\\_noticias/comunicado\\_prensa.asp?sCodigo=C-084/14](http://www.oas.org/es/centro_noticias/comunicado_prensa.asp?sCodigo=C-084/14) (site consultado no dia 18 de março de 2014).

4 Union des nations sud-américaines, « Resolución », 12 de março de 2014. <http://cancilleria.gob.ec/wp-content/uploads/2014/03/RESOLUCI%C3%93N-UNASUR-MARZO-2014.pdf> (site consultado no dia 18 de março de 2014).

5 The Associated Press, « Bachelet reitera apoyo a Maduro », 16 de março de 2014.

6 Agencia Venezolana de Noticias, « Presidenta Fernández : Defendemos la democracia de Venezuela », 1 de março de 2014.

7 Telesur, « Fernández : Derrocamiento del Gobierno de Venezuela sería fatal para Latinoamérica », 1 de março de 2014.

La source originale de cet article est [Opera Mundi](#)  
Copyright © [Salim Lamrani](#), [Opera Mundi](#), 2014

---

Articles Par : [Salim Lamrani](#)

### A propos :

Docteur ès Etudes Ibériques et Latino-américaines de l'Université Paris IV-Sorbonne, Salim Lamrani est Maître de conférences à l'Université de La Réunion, et journaliste, spécialiste des relations entre Cuba et les Etats-Unis. Son nouvel ouvrage s'intitule Fidel Castro, héros des déshérités, Paris, Editions Estrella, 2016. Préface d'Ignacio Ramonet. Contact : lamranisalim@yahoo.fr ; Salim.Lamrani@univ-reunion.fr Page Facebook : <https://www.facebook.com/SalimLamraniOfficiel>

**Avis de non-responsabilité** : Les opinions exprimées dans cet article n'engagent que le ou les auteurs. Le Centre de recherche sur la mondialisation se dégage de toute responsabilité concernant le contenu de cet article et ne sera pas tenu responsable pour des erreurs ou informations incorrectes ou inexacts.

Le Centre de recherche sur la mondialisation (CRM) accorde la permission de reproduire la version intégrale ou des extraits d'articles du site [Mondialisation.ca](#) sur des sites de médias alternatifs. La source de l'article, l'adresse url ainsi qu'un hyperlien vers l'article original du CRM doivent être indiqués. Une note de droit d'auteur (copyright) doit également être indiquée.

Pour publier des articles de [Mondialisation.ca](#) en format papier ou autre, y compris les sites Internet commerciaux, contactez: [media@globalresearch.ca](mailto:media@globalresearch.ca)

[Mondialisation.ca](#) contient du matériel protégé par le droit d'auteur, dont le détenteur n'a pas toujours autorisé l'utilisation. Nous mettons ce matériel à la disposition de nos lecteurs en vertu du principe "d'utilisation équitable", dans le but d'améliorer la compréhension des enjeux politiques, économiques et sociaux. Tout le matériel mis en ligne sur ce site est à but non lucratif. Il est mis à la disposition de tous ceux qui s'y intéressent dans le but de faire de la recherche ainsi qu'à des fins éducatives. Si vous désirez utiliser du matériel protégé par le droit d'auteur pour des raisons autres que "l'utilisation équitable", vous devez demander la permission au détenteur du droit d'auteur.

Contact média: [media@globalresearch.ca](mailto:media@globalresearch.ca)